

Repensando alguns traços históricos de Santa Catarina

Patricia Andréa Rauber Knorst*

Resumo

Este artigo possui como temática a contextualização de alguns traços históricos catarinense, visando compreender a problemática de como se construiu os laços históricos de Santa Catarina a partir da chegada dos europeus. Conhecer as diferentes culturas que se fizeram presentes na construção do território catarinense, requer estudos sobre as interações ocorridas entre a cultura dos brancos com as demais culturas que antecederam a vinda desses homens. Estudar e conhecer a história catarinense enriquece nossos conhecimentos tanto como educadores quanto como historiadores. Justifico ser necessário produzir conhecimento sobre as terras catarinenses, a fim de construirmos o conhecimento como fonte e como raiz da história.

Palavras-chave: Santa Catarina. História. Cultura. Etnias.

1 INTRODUÇÃO

Retratar as relações sociais e socioculturais da sociedade catarinense implica em conhecermos a perspectiva histórica que orienta os saberes em torno de quem são os homens do oeste de Santa Catarina. Entender a vida dos seres humanos que viveram no território de Santa Catarina requer análises desde a presença dos nativos até a colonização dos europeus.

É fundamental que os historiadores observem um local geograficamente para assim compreender muitos dados que acontecem historicamente no Estado de Santa Catarina. A cultura que se perpetua e se molda pela história é um fruto que deve ser estudado perante a colonização catarinense, pois, cada tipo de etnia trouxe para o estado diversas características culturais que estão em nosso meio até hoje.

Geograficamente, o território catarinense está situado ao sul da nação brasileira, caracterizado com um clima subtropical e com pequenas propriedades rurais. O Estado de Santa Catarina faz divisas ao sul, como Estado do Rio Grande do Sul, ao norte, com o Estado do Paraná, ao leste com o oceano Atlântico e ao oeste com o país da Argentina. Historicamente, constituiu-se num ponto estratégico de lutas entre portugueses e espanhóis, que lutavam por essas terras.

1.1 OS HABITANTES: CULTURA E DIZIMAÇÃO

Muito antes de colonizadores espanhóis e portugueses chegarem às terras catarinenses, eram os nativos que habitavam essa região. Desta terra fizeram florescer frutos, protegeram as matas e os rios, viviam em comunidades diferentes, às vezes entravam em conflitos, mas eram filhos do mesmo sangue.

* patricia_pattyrauber@hotmail.com

Ninguém sabe o certo a quantidade de nativos que moraram por aqui, mas estima-se que milhares formaram suas comunidades e multiplicaram sua cultura. Difundiram-se inúmeras línguas e costumes que mais tarde foram quebrados por influência de outras culturas.

Essas populações viviam de caça e pesca e tinham a natureza como uma parte de suas comunidades. Os nativos produziam inúmeros utensílios para uso pessoal:

Produziam objetos de cerâmica, decorados com as pontas dos dedos ou das unhas e com outros objetos, e usavam pintar as suas urnas funerárias com desenhos nas cores vermelha e amarela. Esses indígenas foram chamados pelos navegadores e pelos missionários de carijós. Os jês, que viviam no interior, eram principalmente coletores e caçadores e, portanto, bastante nômades. Desse grupo, vivem ainda os xolleng e os kaingang. (LEITE; LOMBARDI; PIAZZA, 2002, p. 52).

Cada comunidade vivia de sua maneira dentro de um limite territorial no estado de Santa Catarina. Cada uma sobrevivia de uma maneira e se reproduziam dentro de sua própria comunidade. Geralmente, quando saiam para caçar os nativos esqueciam-se da vida e se divertiam pelo caminho, sem ter pressa para voltar ao aldeamento.

Entretanto, a tranquilidade desses habitantes no território catarinense começou a ver o abismo quando colonizadores europeus começaram a desembarcar no litoral. Ao chegar nessas terras, os europeus começaram a investigar o território e fazer do nativo um objeto de utilidade para suas regalias.

No litoral catarinense se encontravam tribos carijós e na região da Serra do Mar haviam tribos de Xoklengs e Kaingang. Na região extremo-oeste havia algumas tribos de Xoklengs e Kaingang, mas elas não viviam próximas umas das outras.

Os nativos viam a terra da mãe natureza como um presente e que sem ela era impossível viver. Porque era da terra que se retiravam todos os alimentos para a sobrevivência da comunidade de nativos, assim, a terra abrigava além dos animais, a água, a luz, o ar e todos respeitavam a terra como um ambiente natural que deveria ser preservado, para ser entregue a todas as gerações de nativos que viessem a nascer.

Os colonizadores europeus não queriam somente explorar os nativos como força de trabalho. Alguns europeus tinham as nativas como fonte de prazer e alguns índios eram sacrificados como fonte de divertimento para eles.

Os nativos para os europeus eram considerados como pessoas sem valor nenhum, por isso se utilizaram deles para enriquecerem. Os nativos engoliram o orgulho, a violência, o pudor, as injustiças de um mundo branco que ocupou e destruiu a mãe natureza em nome das riquezas que as terras catarinenses continham.

Com o passar dos dias, as tribos acabaram se enfraquecendo e sua cultura acabou sendo dizimada pelos colonizadores e aos poucos foram se terminando as tribos. Os nativos tinham somente flechas e armas que eles fabricavam, enquanto que europeus possuíam armas de fogo. A resistência e as lutas existiram, mas os europeus acabaram fazendo o território catarinense suas terras.

A primeira descrição do Estado catarinense ocorreu por volta de 1504, quando uma expedição chegou ao litoral, e o navegador Binot de Gouneville ressaltou as primeiras visões sobre o lugar, mais ou menos na região do Rio São Francisco. Segundo Farias (2001, p. 55), o navegador descreveu da seguinte forma as belas paisagens e as pessoas que viviam no Estado:

De pele mais clara, viviam seminus ou em nudez total, adornavam-se de peles e penas trançadas atadas na cintura. Habitavam choças de palhas. Reuniam-se em grupos chefiados por líder. Sua alimentação era baseada na pesca, agricultura, caça tubérculos e frutas da terra. Sua plantação era rudimentar, feita no sistema de coivaras, onde se queimava o mato, usando a cinza como adubo.

Este primeiro registro dos nativos que habitavam o estado de Santa Catarina nos relata de forma simples, mas importantíssima para compreendermos como viviam em grupo dentro da comunidade. Não usar roupas era a principal característica que os diferenciava dos portugueses fisicamente, além da cor da sua pele.

Mais ou menos, no século XVII e meados do século XVIII, as terras do Estado de Santa Catarina passaram a ser ocupadas pelos bandeirantes, oriundos da capitania de São Vicente. Então, grande parte dos nativos foi dizimada e sua cultura destruída pelos europeus que não se preocuparam com a dor deles.

Deve-se se destacar que foram trazidos para o território catarinenses vários jesuítas com o objetivo de catequizar os nativos, a fim de eles saberem ler e escrever. Até para haver uma maior comunicação com os novos habitantes das terras catarinenses, os brancos.

Para o território catarinense os jesuítas deixaram vários legados. Bavaresco (2005, p.29) descreve que:

Também os primeiros mapas da região foram elaborados por jesuítas, já que eles, por diversas vezes, percorreram os sertões do planalto sulino. Não chegaram a estabelecer reduções (aldeamentos onde os índios recebiam ensinamentos religiosos e trabalhavam sob direção dos padres jesuítas) no estado catarinense, mesmo assim conheciam muito bem os rios Iguaçu e as cabeceiras do Rio Uruguai.

Os jesuítas que vieram para ensinar os nativos deixaram muitos conhecimentos nessas terras. Uma vez que conheceram bem o território e deixaram esse conhecimento em mapas e escritos sobre o Estado. Nesse sentido, os jesuítas foram para os agrupamentos indígenas muito mais do que um simples padre, puderam compartilhar ensinamentos. A prosperidade entre os entre os nativos e jesuítas foi quase que passageira. Por meados do século XVII, chegaram ao território catarinense um grupo de vicentistas, oriundos da capitania de São Vicente (atual estado de São Paulo) e que viram neste lugar uma alternativa para sair da crise econômica que enfrentavam no seu habitat.

Começaram então por apreender e dizimar os nativos, mesmo os já catequizados pelos jesuítas para então se aproximar com maior firmeza no Estado catarinense. Milhares de nativos foram mortos sem saberem por que estavam sendo mortos.

Os bandeirantes eram homens de influência muito grande na capitania de São Vicente, geralmente senhores de engenho, comerciantes e donos de minas. Organizaram várias bandeiras pelo território brasileiro, sempre com o objetivo de buscar novos lucros, tanto na caça aos nativos, quanto na busca de metais preciosos. Quando organizaram uma bandeira para a região sulina do Brasil, focaram no extermínio do nativo nas terras catarinenses. Assim, ao chegar no território catarinense, escravizaram muitos nativos e aqueles que não se rendiam acabaram sendo mortos pelos bandeirantes.

A principal consequência da entrada dos bandeirantes vicentistas nas terras de Santa Catarina foi a aglomeração de pessoas e posteriormente a fundação dos primeiros povoados. Assim, surgem as três primeiras fundações do território catarinense, como: Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco; Nossa Senhora do Desterro e Santo Antonio dos Anjos de Laguna.

Assim, começa-se a moldar nessas terras uma mistura de povos que vão dando mais traços culturais a Santa Catarina, embora muitos deles acabam sendo destruídos com a chegada do homem branco ao território.

Cabral (1994, p. 39) escreve sobre a origem de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco, atualmente município de São Francisco do Sul:

Foi no ano de 1645 que os Oficiais da Câmara de São Paulo representaram ao Donatário da Capitania de São Vicente, o 6º Conde de Montesanto e 1º Marquês de Cascaes, contra os padres jesuítas, alegando que seria impossível conservar a Capitania sem a administração dos indígenas, pois, "faltando estes ou pondo-os em aldeias e aos ditos padres por doutrinantes, como estes queriam, acabariam com as capitanias".

Desse modo, podemos perceber que os vicentistas já vieram com o objetivo de difundir seu poder em Santa Catarina e acabar com os aldeamentos dos nativos e jesuítas. Porque garantiam que sob controle de jesuítas as terras não iriam prosperar, e então o domínio dos vicentistas começou a ser exercido, primeiramente no povoamento de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco, em 1658, desbravado por Manuel Lourenço de Andrade.

Assim, começou-se a chegar algumas famílias vicentistas que fixaram-se no litoral do território catarinense. Na bagagem, não veio somente roupas, vieram novos costumes, valores, crenças, hábitos, culinária, perfazendo mais uma cultura nesta região, onde foi difundida aos poucos.

Nessa perspectiva, reconhecimento da costa litorânea foi possível a fundação de outras cidades pelos vicentistas, como Nossa Senhora do Desterro, atual cidade de Florianópolis, em 1672, pelo bandeirante Francisco Dias Velho. Cabral (1994, p.41) salienta que "na dispersão dos paulistas e vicentistas pela costa sul, o segundo ponto a contar com uma fundação estável foi a Ilha de Santa Catarina, já bastante conhecida dos navegantes portugueses e espanhóis, principalmente destes".

Quando o bandeirante Francisco Dias Velho chegou à ilha com sua família e fundou o local. De alguns anos fundou capelas e fez concessões de terras. Segundo escritos foram em homenagem a Nossa Senhora do Desterro, porque as águas do Oceano Atlântico, que banham a ilha eram ao norte muito perigoso, sendo que vários navios afundaram, dando medo aos navegadores.

Esses bandeirantes traziam consigo para essas cidades não somente as famílias e seus parentes mais próximos. Juntamente trouxeram centenas de escravos para trabalhar nas terras catarinenses, embora ambas não serem muito férteis.

Em 1684, foi fundada a cidade de Santo Antonio dos Anjos de Laguna. Piazza (1994, p.32) salienta que:

Atendendo um convite que lhe fora feito por Carta Régia. Domingos de Brito Peixoto, possuidor de grande fortuna, filho de outro Domingos de Brito Peixoto e Sebastiana da Silva, era natural de São Vicente e casado com Ana Guerra, filha de Francisco Rodrigues Guerra e Lucrecia Lemes, aprestou-se com escravos, indígenas, homens brancos, oficiais de todos os ofícios e capelão, para explorar o extremo sul do Brasil.

Assim, o bandeirante Domingos Peixoto fundou a atual cidade de Laguna e trouxe consigo várias pessoas de diferentes culturas. Quando chegaram ao local se defrontaram com os nativos que ali viviam e gastaram sua fortuna que trouxeram de São Vicente para satisfazer suas regalias.

Como as três cidades haviam sido fundadas, começou-se uma ocupação do litoral de Santa Catarina. As famílias se multiplicaram e o povoamento se estendeu por toda a costa. As concessões de terras acontecem pelo método de sesmarias, ou seja, a terra havia sido repartida conforme os grupos de pessoas.

1.2 A CAPITANIA DE SANTA CATARINA

O território catarinense esteve por muito comandada pela Capitania do Rio de Janeiro, mais tarde passou a ser governada pela Capitania de São Paulo. O brigadeiro e engenheiro militar José da Silva Paes, veio da Europa para as terras brasileiras, com o objetivo de dar apoio aos combates nas terras do sul do Brasil. Sendo que por sua ousadia e coragem, passou a governar a Ilha de Santa Catarina. Então, em 1738, o território passou a ser Capitania de Santa Catarina.

Farias (2001, p.59) salienta que:

A capitania de Santa Catarina subalterna da ilha de Santa Catarina foi criada em 11 de agosto de 1738 e incluí em sua jurisdição as vilas de Nossa Senhora das Graças do Rio São Francisco, de Nossa Senhora do Desterro da ilha de Santa Catarina, capital da capitania e Santo Antonio dos Anjos de Laguna, além do imenso território de São Pedro do Rio Grande, incluindo a colônia de Sacramento.

A principal finalidade da criação da capitania de Santa Catarina foi para ajudar os militares na região da Colônia de Sacramento. Dando forças para a coroa portuguesa no Rio do Prata, constituindo-se uma base militar mais forte.

A capitania de Santa Catarina prosperou de tal forma que possibilitou a criação de uma província e após a Proclamação da Republica Brasileira, o atual Estado de Santa Catarina.

O primeiro governador de Santa Catarina foi o coronel José da Silva Paes. Assim, esteve o brigadeiro Silva Paes a frente do governo da Ilha de 1739 a 1748, devendo-se a sua iniciativa grandes obras e empreendimentos que transformaram Santa Catarina de um ajustamento de pequenas vilas sem maiores afinidades entre si numa verdadeira capitania.

O território catarinense serviu muitas vezes para abrigar esquadras militares portuguesas a fim abastecer fortemente o exército português. Economicamente, produziram farinha oriunda matéria-prima à mandioca, pouco de milho e açúcar e a pesca foram importante para o abastecimento da própria população quanto dos navegadores e forneciam alimentos também para os tropeiros, mas quem levava era a Coroa Portuguesa.

José da Silva Paes preocupou-se de imediato em trazer pessoas para povoar o território catarinense, e assim aos poucos os nativos foram sendo esquecidos e desaparecendo do alvo dos colonizadores, somente serviam para ser escravos e trabalhar para eles.

Farias (2001, p. 60) aborda que “quando da criação da capitania, em 1738, moravam pouco mais de 2000 luso-brasileiros em toda a extensão das três vilas existentes, no final do século XVIII esta população era de 23865 habitantes.”

Podemos perceber que a cada década que passava o número de habitantes oriundos de outros lugares ou frutos da multiplicação das famílias aumentavam no território catarinense. As culturas passaram a se misturar e a crescer, num espaço muito pequeno de tempo.

1.3 OS IMIGRANTES AÇORIANOS

Primeiramente nosso Estado foi povoado pelos vicentista oriundos da capitania de São Vicente, porém, o brigadeiro e idealizador do território catarinense, José da Silva Paes facilitou a vinda de imigrantes da Ilha de Açores e Madeira localizadas no Oceano Atlântico, próximas a

Portugal na no continente europeu. Então, açorianos e madeirenses começaram a imigrar para o território catarinense, mais ou menos na metade do século XVIII.

Quando chegaram à capitania de Santa Catarina começaram a se dispersar pelas terras e fundaram, conseqüentemente, alguns povoamentos, enriquecendo os locais com novos hábitos e conhecimentos, oriundos de sua própria cultura.

Cabral (1994, p. 61) argumenta sobre a vinda dos açorianos as terras catarinenses:

Merece especial destaque o estudo do povoamento de Santa Catarina pelos casais açorianos, pois, como ficou dito, não só contribuíram eles para o aumento da insignificante população existente como porque emprestaram à terra os caracteres básicos da sua cultura, dando à gente catarinense uma feição inconfundível.

Todas as pessoas que vieram morar para as terras catarinenses, inclusive os açorianos, trouxeram consigo sua cultura, e dentro dela inúmeros ensinamentos que foram sendo exercidos e aos poucos adaptados ao local onde se fixaram residência.

Os açorianos vieram fugindo da fome da Ilha de Açores, e da superpopulação existe no local. Então, buscaram nas terras catarinenses uma oportunidade de melhorar de vida. Embora, na viagem alguns açorianos morreram de doenças e outros motivos, mas inúmeros casais chegaram alguns velhos que não serviam para o trabalho braçal e muitos casais jovens preparados para o trabalho.

Mas, com certeza os açorianos vieram para as terras catarinenses com a promessa de encontrar ricas terras e então recomeçar uma nova vida. É importante descrever que a preferência da vinda dos casais açorianos para Santa Catarina eram aqueles que estavam aptos a gerar filhos, para aumentar ainda mais o povoamento.

Cada casal de açoriano recebeu um pedaço de terra para começar a trabalhar na lavoura na zona rural. Sachet (1997, p. 87) aborda que "o governador Manuel Escudeiro, em 19 de fevereiro de 1750, conta ao rei que os recém chegados plantam linho cânhamo, trigo e pinheiros, tal como nos Açores." Todavia, se não plantavam a quantia de produtos que determinavam para o governador, recebiam multas e poderiam perder o direito ao uso da terra doada pelo governo catarinense.

A plantação foi pouca e tampouco a colheita. Para tanto, o governo português disfarçava e colocar as conseqüências da má produção à custa dos fenômenos da natureza. Mas alguns se passam à decepção começa a ficar maior, porque as atividades agrícolas realizadas não dão frutos em quantidade.

Como as famílias de açorianos começam aumentar, há a necessidade de uma produção. Aos poucos se observa que o problema não está na falta ou excesso de chuva, o problema é que o trigo e as outras atividades não se adaptaram ao tipo de solo e de clima da região.

Então, a dificuldade foi encontrar produtos que satisfaziam ao tipo de solo, todavia, o desafio maior era os açorianos se adaptarem a outros tipos de plantações. Porque eles chegaram ao território plantando o que sabiam fazer na Ilha de Açores.

Sachet (1997, p. 88) relaciona como foi a vida dos açorianos no território catarinense:

A lua-de-mel colono/açoriano/terra catarinense dura pouco. Após tentativas de gerar o fruto esperado, a terra fica sozinha no "cítio". E o ex-imigrante corre para cidade, que o espera de ruas abertas. Desde antes da chegada dos açorianos, o "boa-vida" que vive no desterro é uma decepção para o estrangeiro que aportava na Ilha.

Como os açorianos demonstraram pouco interesse para trabalhar na terra, migraram para a cidade sem ter o que fazer. Começa-se o trabalho ser distribuído para os escravos que ficam obrigados a plantar para sustentar toda a população.

Piazza (1994, p.48) ressalta que “a fixação de, somente 59 madeirenses no litoral catarinense”. Esse número foi o expressamente contado quando os navios chegaram a costa catarinense, quantos morreram na viagem não se tem notícia.

A imigração açoriana para a Santa Catarina não aconteceu somente em um ano, chegaram açorianos para essas terras de 1747 a 1756, praticamente uma década. Por isso, a capitania sofreu uma explosão demográfica surgindo vários blocos de novos povoamentos e aumentando o número populacional do território catarinense.

Politicamente, o povoamento açoriano contribuiu para as forças portuguesas se estabelecerem nas terras catarinenses. Os primeiros políticos que se estabeleceram no território catarinense são de origem açoriana. Todavia, o ponto mais forte foi o incentivo para a instalação de freguesias, ou seja, socialmente os açorianos passaram a ter um cotidiano social e cultural valorizado pela terra catarinense.

As freguesias possibilitaram que a vida religiosa se manifestasse com maior firmeza na cultura açoriana. Nas pequenas comunidades, o chefe religioso era considerado um mestre de vida para todos os açorianos, sendo ele um dos primeiros educadores para o povo açoriano.

Economicamente, os açorianos deixaram de aproveitar a vida na zona rural porque não se adaptaram aos novos produtos que tiveram que produzir nas terras catarinenses. Então, a migração para a cidade não contribuiu para uma elevação no seu padrão de vida, pois, resultou em um aglomerado de pessoas sem trabalhar.

Entretanto, é importante descrever que o açoriano desenvolveu um papel extraordinário na atividade pesqueira. Os açorianos desenvolveram várias técnicas que possibilitaram a pesca da baleia, um animal que naquela época existia em grandes quantidades e eram utilizados para a retirada do óleo da baleia e a sua própria carne para a alimentação.

Piazza (1994, p. 74) salienta que:

No elenco de manifestações da cultura popular açoriana ainda subsistentes no litoral catarinense alinham-se as técnicas de pesca, o folguedo do “boi-na-vara”, o carro-de-bois, a olaria de cerâmica utilitária e decorativa, a “renda de bilro”, os “pão-po-Deus”- como manifestações de literatura popular e de arte decorativa.

A cultura açoriana ainda está presente na cultura catarinense, pois, os açorianos como primeiros imigrantes internacionais contribuíram desde o início para a composição da cultura popular. Culturalmente, os casais açorianos contribuíram na culinária, nas técnicas de tecelagem, nas tradições, costumes, crenças e o conhecimento que trouxeram da Ilha de Açores sobre algumas técnicas agrícolas.

2 CONCLUSÃO

O processo de colonização do Estado de Santa Catarina configurou-se como uma mistura de povos e de culturas. Alguns habitantes foram exterminados para dar lugar a outros dando uma nova forma habitacional para as terras catarinenses. Desde o período colonial, o território catarinense

foi habitado e conquistado pelos portugueses e posteriormente, por bandeirantes vicentistas e paulistas.

Ao surgir a capitania de Santa Catarina, em 1738, após a chegada de bandeirantes e a criação de núcleos de povoação no litoral e a apreensão de milhares de índios, pelo processo conhecido de bandeiras de caça ao índio, o brigadeiro José da Silva Paes, favoreceu a vinda de imigrantes açorianos para as terras catarinenses.

Historicamente, o território de Santa Catarina foi um cenário de lutas entre nativos e brancos, resultando posteriormente em expansão do território catarinense. Com o passar dos anos o litoral e a região serrana foram sendo habitadas, e surgindo assim inúmeras cidades. Tanto nativo quanto branco foram responsáveis pela trajetória histórica das terras catarinenses. Portanto, retratar as relações sociais e socioculturais dos povos catarinenses implica em conhecermos a perspectiva histórica que orienta os saberes de quem habitou ou ainda habita o estado catarinense porque somos construtores da história no espaço em que vivemos.

REFERÊNCIAS

BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no extremo oeste catarinense**. Chapecó, SC: Argos, 2005.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

FARIAS, Vilson Francisco. **De Portugal ao Sul do Brasil 500 anos: História- Cultura- Turismo**. Florianópolis: AUTOR, 2001.

HEINSFELD, Adelar (Org.) **A Região em Perspectiva: Diferentes faces da História Catarinense**. Joaçaba: Editora Unoesc, 2001.

LEITE, Mara de Fátima; LOMBARDI, Ivete; PIAZZA, Walter Fernando. **Os Catarinas: Terras e Gente**. Florianópolis: Lunardelli, 2002.

ORDONÊZ, Marlene. QUEVEDO, Júlio. SALES, Geraldo. **Meu estado: Santa Catarina**. São Paulo: Scipione, 1997.

PIAZZA, Walter F. **A Colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

_____. **Santa Catarina: Sua História**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Lunardelli, 1983.

RANDIN, José Carlos. **Italianos e Ítalos-Brasileiros na Colonização do Oeste Catarinense**. 2. ed. Joaçaba: Ed. da Unoesc, 2001.

SACHET, Celestino, S. Sérgio. **Santa Catarina: 100 anos de história**. Florianópolis: Século Catarinense, 1997.